

densá-lo nas suas formas espaciais, nas suas estruturas premonitórias.

Para os dramaturgos barrocos, escreve na *Origem do Drama Barroco Alemão*, «o movimento cronológico é captado e analisado numa imagem espacial». O livro do *Trauerspiel* não é a primeira explicação de Benjamin do que significa converter o tempo em espaço: é aquele onde explica mais claramente o sentimento subjacente a essa passagem. Submerso na melancólica consciência da «crónica desconsolada da história universal», processo de incessante decomposição, o dramaturgo barroco procura escapar da história e restaurar «a intemporalidade do paraíso». A sensibilidade barroca do século XVII tem uma concepção «panorâmica da história»: «A história funde-se com o cenário.» Em *A Infância em Berlim* e em *Berliner Chronik*. Benjamin funde a sua vida com o meio. A sucessora do cenário barroco é uma cidade surrealista: a paisagem metafísica em cujos espaços semelhantes aos seus sonhos, as pessoas levam «uma existência breve, sombria», como o poeta de dezanove anos cujo suicídio, o grande desgosto dos anos de estudante de Benjamin, está condensado nas recordações dos aposentos onde viveu o seu amigo querido.

Os temas recorrentes de Benjamin são, caracteristicamente, processos de espacializar o mundo: por exemplo, a sua noção das ideias e das experiências como ruínas. Compreender qualquer coisa é compreender a sua topografia, saber como traçar o seu mapa. E saber como se perder nela.

Para a personagem nascida sob o signo de Saturno, o tempo é o meio da coacção, da inadequação, da representação, mera realização. No tempo, é-se apenas aquilo que se é: o que sempre se foi. No espaço, pode-se ser outra pessoa. O repetido sentido de direcção de Benjamin e a sua incapacidade para ler um mapa das ruas convertem-se no seu amor às viagens e no

seu domínio da arte de se perder. O tempo não nos dá muito tempo: empurra-nos por trás, sopra sobre nós pelo estreito funil que vai do presente até ao futuro. Mas o espaço é largo, repleto de possibilidades, posições, intersecções, passagens, curvas, voltas em "U", becos sem saída e ruas de sentido único. São, realmente, demasiadas possibilidades. Como o temperamento saturnino é lento, inclinado para a indecisão, às vezes é necessário abrir passo com uma faca. Às vezes, acabamos por virar a faca contra nós próprios.

O sinal distintivo do temperamento saturnino é a relação coibida e implacável com o *ego* que nunca pode considerar-se concluído. O *ego* é um texto: é preciso dicifrá-lo. (Por isso, trata-se de um bom temperamento para os intelectuais.) O *ego* é um projecto, qualquer coisa que é necessário construir. (Por isso, se trata de um bom temperamento para artistas e mártires, os que cortejam a "pureza e a formosura de um fracasso" como Benjamin diz de Kafka.) E o processo de construir um *ego* e as suas obras é sempre demasiado lento. Está sempre atrasado em relação a si próprio.

As coisas aparecem a certa distância, aproximam-se lentamente. Em *Infância em Berlim*, Benjamin fala da sua «propensão para ver tudo o que lhe interessa aproximando-se de longe», o modo como, frequentemente doente quando criança, imaginava que as horas se aproximavam da sua cama. «Talvez seja essa a origem daquilo a que os outros chamam a minha paciência, mas que na realidade não se parece com nenhuma virtude.» (No entanto, outros experimentavam essa paciência, como virtude. Scholem descreveu-o como «o ser humano mais paciente que já conheci».)